



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

LETRAMENTO LITERÁRIO DE INDIVÍDUOS SURDOS: CONFLITOS E POSSIBILIDADES IDENTITÁRIAS.

Ana Júlia Costa Chaves Silva ¹
Raquel de Lima Santos ²
Maria Dolores Fortes Alves ³

RESUMO

Esta pesquisa teve por escopo investigar as contribuições e usos da literatura no processo de letramento literário do sujeito surdo na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Apoiou-se no método de Cosson e no referencial teórico, de Vigotsky e outros teóricos, no que tange aos estudos acerca do Letramento Literário, Educação de Surdos e Identidade. Delimitou-se, como público-alvo, os quatro estudantes surdos, matriculados em uma escola estadual. A metodologia foi construída sob uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas, direcionadas à regente da sala e aos respectivos estudantes, sobre questões pertinentes à circulação da literatura no ambiente da Sala de Recursos Multifuncionais. A interpretação dos dados está alicerçada na análise de conteúdos proposta por Bardin. A pesquisa possibilitou explicitar um importante conhecimento construído sobre o letramento literário aplicado com alunos surdos, revelando similarmente, que há uma lacuna nesse processo, o que surge como ratificação, para que se insira nos componentes curriculares do ensino regular, um ensino e aprendizagem pautado na aquisição da leitura, interagindo naturalmente, com sua língua natural – a Língua Brasileira de Sinais - a L1, e concomitantemente, com a escrita em Língua Portuguesa – a L2, a partir das práticas sociais. Os principais resultados da pesquisa apontaram para a necessidade de compreensão dos limites e alcances dos estudantes como leitores, a partir das suas potencialidades, que foram trabalhadas no desenvolvimento da Sequência Básica.

Palavras-chave: Letramento literário, Leitura, Educação dos surdos.

INTRODUÇÃO

A literatura é uma arte que trabalha a criatividade, estimula a linguagem, visto que sua matéria-prima é a criatividade imaginativa, por isso, Vygotsky (1998), em seus pressupostos, defende que o desenvolvimento da imaginação está intrinsecamente ligado ao da linguagem. Pensando nisso, surgiu a aspiração de compreender sobre o processo de letramento literário numa perspectiva para o povo surdo, suscitando as discussões a respeito da construção da identidade dos surdos, seus limites e alcances em detrimento da formação na sua língua natural e do acesso à segunda língua.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, julia.chaves28@gmail.com

² Mestre em Psicologia e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, raquel.lima@arapiraca.ufal.br.

³ Orientadora e professora do Programa de pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, mdfortes@gmail.com



Considerando a autenticidade desta pesquisa que foi de cunho quantitativo, qualitativo e reflexivo, com o intento de reconstruir a realidade da temática abordada a partir das teorias, práticas, conceitos, ideias, quadros de referência, pesquisas, etc., (DEMO, 2000), a mesma é relevante em dois aspectos: primeiro, por revelar que a literatura impressa ainda se mantém fora do universo surdo; e em segundo, gerar material para contribuir teoricamente e despertar futuras pesquisas. Todavia, o objetivo principal do trabalho foi analisar o uso da literatura numa sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE, comumente chamada de Sala de Recursos Multifuncionais- SRM, com destaque à aprendizagem dos quatro alunos surdos matriculados. Para isso, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas, sendo uma com a professora da SEM e outra entrevista (individual), com os alunos surdos. Posteriormente, fomos desenvolvendo as atividades sequenciadas referentes à proposta do letramento literário (COSSON, 2016) com os alunos surdos.

O desejo sobre a prática literária no âmbito do contexto da educação de surdos deu-se pelo hiato que há no processo da construção da linguagem do surdo. Entre as crianças surdas, em média 95% nascem de pais ouvintes. Com isto, a desvalida interação do surdo com seus pares através da sua língua natural, desencadeou o desenvolvimento de uma linguagem desfavorecida ao sujeito surdo comparado aos ouvintes.

Neste cenário, a literatura é reforçada como um artefato cultural emergente em diferentes contextos sociais, inclusive, no âmbito da educação, no qual é realizado uma prática pertinente, onde é possível promover uma discussão a respeito da diversidade no que tange às reflexões sobre o ‘belo e o feio’, ‘o herói e o vilão’, ‘amor e ódio’, ‘tolerância e intransigência’, binômios que cerceiam trajetórias comuns de inúmeros grupos no cenário social e cultural. Com este enfoque literário percebeu-se a possibilidade de trabalhar por meio de representações sobre si e o outro, a partir da diferença, da alteridade nos enredos das narrativas literárias tornando-se possível tratar da política de identidades e de culturas, implicando-as na análise dos discursos destes fatos presentes na literatura. Sobre o dito, as considerações de Coelho (2004) corroboram da seguinte forma:

[...] é através de sua vivência cultural que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral, é fácil compreendermos a importância do papel que a literatura pode desempenhar para os seres humanos em formação. É ela, dentre as diferentes manifestações da arte, a que atua de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de dar formação e divulgar os valores culturais que dinamizam a sociedade (COELHO, 2004, p. 3).

Durante séculos, o panorama educacional da criança surda era desprovido do contato



com a arte em todos os seus aspectos. O interesse das famílias em manter o sujeito surdo afastado dos ciclos sociais, pela não aceitação, estendia-se a negação do acesso também as outras formas de linguagem e comunicação. Havia restrição no contato social, nos relacionamentos, que também permeiam o processo de aquisição da linguagem. Skliar (1998, p.1) ressalta que é acentuado o discurso sobre as práticas educacionais “que entre outras razões, permite desnudar os efeitos devastadores do fracasso escolar massivo, produto da hegemonia de uma ideologia clínica dominante na educação de surdos”, evocando o movimento de ruptura entre a educação de surdos e a educação especial, enfatizando que,

A necessidade de construir um território mais significativo para a educação dos surdos e de não limitar nossas expectativas a uma melhoria dos paradigmas na educação especial, nos conduz a um conjunto de inquietações acerca de como narramos aos outros, de como os outros se narram a si mesmos, e de como essas narrações são, finalmente, colocadas de um modo estático nas políticas e nas práticas pedagógicas (SKLIAR, 1998, p.13).

Sendo assim, com o presente estudo foi possível observar como se dá a construção da identidade, à luz da interação e na comunicação com o outro. Assim, o desenvolvimento da linguagem e o conhecimento poderão juntos, serem categóricos para a cidadania, e a literatura, uma grande aliada para que isso ocorra de forma efetiva e prazerosa para esse público que “ouve com os olhos e fala com as mãos.”

Apresentados os limites iniciais, esta pesquisa partiu da premência da visibilidade ao uso da literatura como uma possível ferramenta de motivação à leitura para os alunos surdos, e consequentemente, a aquisição da escrita em língua portuguesa, pois é sabido que a leitura como prática significa conceber articulação com a escrita, construindo possibilidades de sentidos seja pela identificação, estranhamento ou indiferença ao texto. O texto literário pode ser utilizado como recurso favorável para o processo de desenvolvimento linguístico, crítico e principalmente, para o autoconhecimento do sujeito surdo e de sua inserção significativa no contexto da cultura surda e ouvinte, sob a égide da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e implicando a aquisição da Língua Portuguesa. Cândido (1988) salienta ainda que,

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CÂNDIDO, 1988, p.113).



É notório que a aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, o qual envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. A literatura desenvolve o imaginário, a criatividade de qualquer indivíduo, além de trazer a espontânea magia de expressão corporal devido a sua própria natureza. Conforme sua estrutura linguística e através da contação de histórias e dramatizações, dentre outras manifestações literárias, não há só a interação natural entre o sujeito ouvinte com o sujeito surdo, como também um desenvolvimento na formação das funções psíquicas superiores, das linguagens e do cognitivo.

O texto se ancora no que Cosson (2016, p.67) defende, considerando que o letramento literário é “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Em face disso, o temário proposto nos convida a compreender que o ensino e aprendizagem passa a ter sentido, seja para ouvintes ou surdos, quando emerge de uma perspectiva de letramento que visa às situações comunicativas, aos aspectos socioculturais, políticos, linguísticos, às interações entre os conhecimentos do senso comum e do científico, possibilitando uma interação significativa entre a cognição, as linguagens e a informação estimuladas por três eixos: ação-reflexão-ação.

Sendo assim, a presente pesquisa abordou um estudo que venha tratar de novos paradigmas, nova postura e novos olhares sobre a prática do letramento literário na sala de aula para esse universo de quem “ouve com os olhos” e “fala com as mãos”, desafiando-se a estabelecer os perfis identitários dos surdos. Portanto, mediante a esse pressuposto, surgiu uma veemente problemática: *Em que medida o letramento literário e o processo de (re)conhecimento sócio-político-cultural pode contribuir para a formação identitária, linguística e cultural dos sujeitos surdos?*

Para analisar as problemáticas em torno desta pesquisa foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos alusivos a trajetória desse povo que, historicamente no que refere-se à educação, apenas nas duas últimas décadas, tiveram reconhecimento de sua identidade e bi/multiculturalidade por possuírem uma língua própria, pois segundo Quadros (2008), numa abordagem socioantropológica, não considera o Surdo como deficiente, e sim, como um membro pertencente a uma comunidade linguística própria que surge como as demais línguas, pelas necessidades naturais e específicas dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para sua comunicação plena. O processo de construção identitária, principalmente no que tange aos aspectos políticos, culturais, sociais, econômicos etc., tem sua base no fazer histórico de cada indivíduo e comunidade em que está inserido. A identidade que começa no indivíduo a partir das decisões pessoais e influências da coletividade, é considerada por Hall (1997) uma “construção móvel”, visto que depende do fazer temporal, conforme destaca:



IV CINTEDI

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos, ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 1997, p. 13).

A partir dessa concepção de sujeito pós-moderno, cuja identidade se constrói numa construção móvel, que salta para o estabelecimento de um eu coerente, como resultado do enfrentamento dos fenômenos individuais, implica a construção da narrativa do eu, que retorna através dos fenômenos sociais, ou o fazer coletivo sobre os indivíduos. É com base nesses três aspectos do que se entende por identidade, apontados por Hall (1997), que serão discutidas as ocorrências e influências temporais marcadas em dado período, especialmente no que diz respeito à Educação de Surdos, pelo fato de entender que todo povo tem sua história, contudo quando se trata dos surdos, há uma lacuna não preenchida, que deixa uma lacuna sobre o fazer sociocultural e educacional destes, que desde os primórdios, enfrentam dificuldades de ser e existir.

De antemão, evoca-se a existência de um estranhamento sobre o fato de se fazer referência aos surdos como “povo”, e cabe denominá-los como tal, visto que os surdos constituem um povo, pois é uma classe de indivíduos com cultura e hábitos próprios, que utiliza uma língua própria, visual-espacial, como forma de comunicação e expressão, e como destaca Strobel e Fernandes (1998, p.106), “já está na hora de ouvir o povo surdo, sobreviventes das políticas surdas, já percorridas por muitos anos e anos de luta, contra a opressão de cultura surda e dos valores linguísticos na educação”.

O conceito de identidade nesta perspectiva não é pensado em suas características singulares, integradas, naturalizantes e inalteráveis, pois “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação” (SANTOS, 1993, p. 31), sendo o “mundo global” o grande articulador na produção de subjetividades cada vez mais distintas e plurais. O termo identificação é considerado nessa proposição mais apropriado para designar e compreender o conceito de identidade na “modernidade tardia e/ou pós-modernidade” (HALL, 1997), pois o processo de subjetivação é mediado por múltiplos sistemas de representações socioculturais, por meio dos quais somos impelidos a compreender que a “identidade” de uma pessoa não está mais ligada a ser, mas a estar (TILIO, 2009, p. 112).

Trata-se de um estudo qualitativo onde a pesquisa partiu de duas entrevistas semiestruturadas, sendo uma com a professora da SRM, no intuito de colher informações sobre a relação dos alunos na leitura e na literatura, e outra entrevista (individual), com os alunos surdos, com o objetivo de traçar o perfil do nível linguístico com a língua de sinais e sua experiência leitora. Posteriormente, fomos desenvolvendo as atividades sequenciadas referentes à proposta do letramento literário (COSSON, 2016) com os alunos surdos, a fim de descrever as habilidades adquiridas com o uso da literatura na sala de aula.

As observações e aplicação das atividades sequenciadas foram realizadas no horário de atendimento aos alunos surdos, dando privilégio à análise qualitativa e participativa, com enfoque exploratório e descritivo, pois nos permitiu o cumprimento do denso exercício analítico no tocante à difusão da prática do letramento literário na educação bilíngue.

Esta pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, através da Plataforma Brasil, com o número de comprovante 122590/2016.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção trará de forma sucinta à premissa de nossos estudos sobre Leitura, Literatura e Letramento Literário numa perspectiva pensada e aplicada numa Sala de Recursos Multifuncionais com alunos Surdos, demonstrando as decorrências de todo o processo que nos colocou frente às possibilidades de utilizar a literatura como veículo motivador para a leitura com prazer e sentido. A pesquisa proporcionou compreender os desafios postos ao estímulo à leitura e aquisição da Língua Portuguesa para os sujeitos surdos.

No primeiro momento realizamos uma entrevista com o objetivo conhecer o perfil dos alunos atendidos na sala de AEE. Após a entrevista realizada, nos certificamos quais alunos surdos tinham fluência em LIBRAS. A literatura que escolhemos para a aplicação do letramento literário foi o livro, Ane e Jota – Amigos de mundo diferentes, por se tratar de um contexto muito próximo à história de vida do surdo, com uma personagem ouvinte e outra surda, sendo de autoria da Luciane Rangel, professora, escritora e surda, que discorre a história de dois amigos, Ane uma surda e Jota um ouvinte. Embora tenham diferenças culturais, vivem muitas aventuras, se respeitam e aprendem muito um com o outro.

No que se refere ao procedimento técnico da pesquisa sua base está no método de Rildo Cosson para o ensino-aprendizagem através do letramento literário. Este método foi resultado



de suas pesquisas, práticas de sala de aula sua e de colegas docentes e de seus alunos da disciplina de Teoria Literária, do curso Letras, com o objetivo de fazer do ensino da literatura uma prática significativa para si e para seus alunos.

A proposta metodológica do letramento literário foi conduzida pela Sequência Básica que é aplicada em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Cada etapa desta é desenvolvida por atividades planejadas. A seguir discorreremos o objetivo de cada etapa.

A I etapa, a MOTIVAÇÃO, baseia-se especificamente em adentrar o aluno no texto movido por uma motivação permeada de desejo e curiosidade. Para Cosson (2016, p.53), “o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”. Este momento poderíamos dizer ser crucial para o envolvimento durante todo o processo das atividades executadas.

Já a II etapa, a INTRODUÇÃO, destina-se à apresentação do autor e da obra. Esta segunda parte da Sequência Básica é uma atividade relativamente simples que não demanda muito tempo, mas é de suma importância. Nela apresentamos pontos interessantes da vida do autor, principalmente as informações ligadas à obra dele que vamos ler. Outra parte destinada à introdução é a apresentação da obra que se limitará a falar da importância da obra e o porquê de sua escolha para ser lida. Cosson orienta que não aprofundemos para que continue o desejo e curiosidade do leitor pela descoberta do texto que foi despertada na etapa da motivação.

Chegamos ao momento propriamente dito da leitura do texto, a III etapa, a LEITURA, ou seja, do conteúdo textual. Cosson chama a atenção para a importância do acompanhamento da leitura escolar, pois a mesma tem um objetivo a ser cumprido, mas esse acompanhamento não deve ser interpretado como policiamento. Sabemos que por trás de uma leitura há um aprendizado em vários aspectos, como éticos, sentimentais, comportamentais, mas um bem necessário para o alcance de todos é, sem dúvida, o prazer em ler.

Por fim, chegamos à IV etapa, a INTERPRETAÇÃO, momento ápice do processo do letramento literário. Cosson nos relata que, “a interpretação parte do entrecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2016, p. 64). Para que realmente ocorra a interpretação, o professor precisa a todo tempo criar oportunidades que contribuam para que os alunos possam fazer sucessivas aproximações que lhe permitam avançar do momento interior para o momento externo.

Essa pesquisa ponderou as vivências teóricas e práticas sobre letramento literário, apontando para a necessidade do contato dos participantes com livros. Ao aplicar a II etapa da



Sequência Básica – a Introdução, notamos que os alunos surdos não tinham contato com livros literários. Com isso, tivemos que repensar nas atividades elaboradas para que atendessem essa falta de conhecimento. Eles não conseguiram responder, positivamente, às nossas intervenções sobre o sinal e significado dos elementos que compõem um livro: capa; título; ilustrador; tema; autor; editora; edição.

A professora da SRM mostrou-se empolgada com a pesquisa e disposta a aderir o método da Sequência Básica, porém, externou que fazia atividades com textos avulsos, mas nunca trabalhou com livros com os alunos surdos. Formou-se uma parceria em prol do desenvolver das etapas do letramento literário, que ocorreu desde o planejamento das ações, seguida pela execução das atividades com os alunos e tradução e interpretação entre a L1 (LIBRAS) e a L2 (Língua Portuguesa). Isto porque pensar juntos proporcionou um melhor aproveitamento das ações do projeto; uma vez que houve reflexões entre a proposta da pesquisa com a realidade do grupo do Atendimento Educacional Especializado.

São relevantes os desafios que o docente enfrenta, seja da sala comum ou da SRM. Como fora relatado pela professora do AEE, há uma relevante dificuldade dos surdos na aquisição da língua portuguesa devido ao tardio acesso à sua língua natural - a LIBRAS, e consequentemente, os entraves que eles enfrentam em aprender o português. Outra situação exposta pela professora foi o escasso número de profissionais com formação em LETRAS/LIBRAS ou com especialização na área para atuar com alunos surdos. A formação continuada desses profissionais é de suma importância para o desempenho exitoso da pessoa surda. O âmbito escolar tem um papel crucial no desenvolvimento da pessoa com surdez, ou seja, criar possibilidades para que o sujeito se desenvolva com o meio físico e social, provocando sua capacidade representativa, para que construa um pensamento que seja projetado a partir de suas relações com o meio. Para que isso aconteça de forma plena, é preciso que se invista no processo de interação entre seus pares, com surdos adultos e com os próprios ouvintes. As práticas de letramento em LIBRAS precisam estar presentes desde a educação infantil para que cheguem a fase adulta bilíngues letrados.

Todavia, apesar das dificuldades apontadas, a professora relatou que a pesquisa realizada foi de suma importância para que os alunos se sentissem motivados a ler e escrever e, que todas as etapas do letramento literário foram pertinentes para que ela adote na SRM o uso contínuo da literatura. Durante os horários de atendimento, segundo a professora do AEE, os alunos surdos tinham apenas o acesso a textos soltos, não havia o acesso aos livros paradidáticos. Algo que é peculiar e que percebemos como relevante, é o uso dos recursos visuais. Tratando-se de uma estrutura linguística cuja modalidade é visuoespacial, faz-se



necessário que haja uma organização pedagógica do espaço com imagens visuais que estimulem o aprendizado da língua de sinais, que favorecerá, concomitantemente, com o desenvolvimento do processo de aquisição da leitura e da escrita. Quando o ensino da leitura e de interpretação era iniciado com imagens, a participação dos alunos era mais dinâmica e significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surdo, como todo ser humano, é sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcado pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. Mediante as histórias, as crianças, adolescentes e até mesmo os adultos podem expressar suas emoções, seus desejos e frustrações. O papel do educador bilíngue é de suma importância, ou seja, é preciso quando não se escuta, ter um olhar sensível, quando não se vê, ter uma escuta sensível. É notório que a literatura, sendo inserida na educação dos surdos na L1, ou seja, na sua língua natural – a LIBRAS, e paralelo com a L2, sua segunda língua – O Português, na modalidade escrita, não haveria dificuldades de aquisição e muitas vezes também o sentimento de rejeição à Língua Portuguesa como ocorrera com um dos participantes da pesquisa.

Com base nas pesquisas realizadas sobre a Educação dos Surdos, é visto que as trocas simbólicas corroboram para o desenvolvimento cognitivo, estimulando a capacidade representativa, sendo o ambiente favorável, pois temos culturas e línguas diferentes. Todavia, é imprescindível, que os profissionais, da sala comum e da sala de recursos, criem estratégias, conjuntamente, não apenas tendo o domínio da LIBRAS, mas a consciência que quando a aprendizagem passa a ter sentido para o discente e quando se respeita e valoriza as especificidades de cada língua, a motivação para a leitura e escrita acontecem naturalmente, seja surdo ou ouvinte.

Para todo o desenvolvimento do letramento literário, apesar das inúmeras dificuldades que eles apresentaram no momento de ler e interpretar, quando começávamos todas as etapas, priorizando os recursos visuais, a própria expressão deles era motivadora para nós pesquisadores e os resultados eram mais favoráveis. Pode-se estar indagando como tratar de letramento sem que os participantes estejam efetivamente alfabetizados... O letramento vai além do uso social da leitura e da escrita, e sim, saber aplicar essa escrita e leitura de formas distintas e pensadas para seu convívio em sociedade. E tratando-se do Letramento Literário, o maior dos objetivos foi permitir ao surdo sentir o livro nas mãos; conhecer cada parte que



compõe; fazer novas amizades com personagens que transmitiram emoção, conhecimento e diversão. Foi entender mais de si e do outro, tendo a convicção que não há fronteiras entre a cultura ouvinte e a cultura surda, e sim, que se complementam em prol de um cenário multicultural que defende apenas um final para esta história: SOMOS APENAS DIFERENTES.

Normalmente as histórias possuem início, desenvolvimento e fim, porém, esta aqui irá permanecer num vasto caminho que abrirá trilhas para que as futuras personagens pelos Estudos Surdos adentrem com afinco na imensidão das interpretações acerca da complexidade deste temário e deseje desvendar outros esconderijos. Você deseja ser um personagem?

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, A. Vários escritos. São Paulo: **Duas Cidades**, 1988.

COELHO, B. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: **Ática**, 2004.

COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: **Editora Contexto**, 2016.

DEMO, P. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: **Atlas**, 2000.

HALL, S. Cultural representativas and Signifying Practices. **London**. 1997.

QUADROS, R. M. Educação de Surdos: A aquisição da linguagem. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 2008. RÉE, Jonathan e GODOY, Marcelo (tradutor). Disponível em: <www.asurdosporto.org.pt/imagens/NacionalismoSurdo.doc> Acesso em 07/07/2016.

SANTOS, B. S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 1-2, n. 5, p.31-52, 1993. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0512/Modernidadepdf>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: **Mediação**, 1998.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais/ Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: **SEED/SUED/DEE**. 1998.

TILIO, R. C. Reflexões acerca do conceito de identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Duque de Caxias/RJ, p.109-119, 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/529>>. Acesso em: 7 abr. 2010.

VYGOTSKY, L.S. O desenvolvimento psicológico na infância. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: **Martins Fontes**, 1998.